

HOMENAGENS



João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata

João Pedro Rodrigues explora o universo fetichista, com “sexo anal metafísico e transmigração das almas” (Film Comment, 2006), de forma tal que é capaz de arrepiar caminho no panorama cinematográfico português tradicional e caseirinho, colocando-o entre os grandes do cinema mundial.

Não se pode falar do cinema de João Pedro Rodrigues sem referir João Rui Guerra da Mata (JRGM), co-realizador e co-argumentista em muitos dos seus filmes.

Com *O Fantasma* (2000), João Pedro Rodrigues estreia-se nas longas-metragens (JRGM assume aqui a Direcção de Figurinos) e o que parecia ser um filme de acasos sexuais torna-se no mais estruturado discurso sobre a transgressão, os tabus e a fragilidade das barreiras que definem o eros humano. Viagem onírica e onanística ao yin e yang do indivíduo, uma dualidade que ora equilibra ora desequilibra a estrutura mental e física das personagens.

Vemos isso também em *Odete*, um melodrama irracional em que uma mulher se envolve com dois homens, um dos quais está morto. Tão poucos temas têm o mesmo grau de tabu que o sexo e a morte e os realizadores usam logo ambos para, mais uma vez, desconstruir mitos.

Em *Morrer como um Homem* a viagem é feita ao local do sexo enviesado por excelência, o transformismo. O filme, que passou na secção *Un Certain Regard* de Cannes em 2009, conta a história de um transformista homossexual em fim de carreira.

O mais recente filme da dupla, *A última vez que vi Macau*, conta a história de dois amigos – um homem e uma mulher (de nome Candy). Numa troca de emails Candy pede ao amigo que vá ter com ela a Macau, lugar onde ele também já vivera. Mais do que uma viagem, é um retorno ao passado e às memórias que ele guarda.

João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata serão homenageados no Lisbon & Estoril Film Festival que exhibirá integralmente os filmes de ambos.



Com a presença de
JOÃO PEDRO RODRIGUES & JOÃO RUI GUERRA DA MATA

Monte Hellman

Realizador mítico com um percurso singular. Foi actor nos anos cinquenta, muito influenciado pelo cinema europeu e pela elite cultural nova-iorquina, e viu o seu percurso alterar-se ao encontrar Roger Corman, produtor que lançou Coppola, Scorsese ou Cameron. Com Corman, iniciou a sua carreira nos bastidores: primeiro trabalhou como assistente de montagem, depois montador principal e por fim assistente de realização.

Juntou os primeiros salários e realizou o western *The Shooting – Duelo No Deserto* a meias com o seu grande amigo - actor e co-produtor no filme- Jack Nicholson. Hellman iniciava, assim, uma temática errante: a inquietação moral constante e a solidão que viriam a tomar forma no célebre *Two-Lane Blacktop - A Estrada não tem Fim*.

Com este filme tornou-se o herói de um novo género cinematográfico: o road movie, em que a personagem principal deixa a sua zona de conforto e parte numa viagem geográfica e ontológica. "É uma obra prima, o road movie por excelência e um dos grande filmes americanos", escreveu o *The New York Times*.

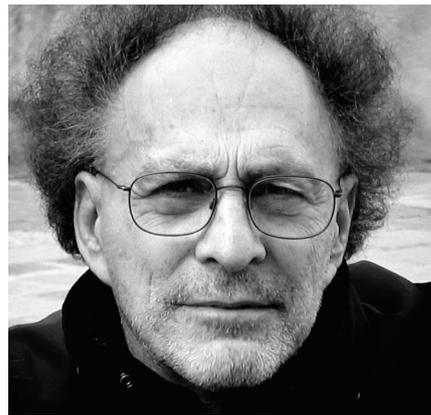
Cineasta isolado, praticamente clandestino, co-realizou anonimamente alguns filmes e produziu casos de sucesso como *Cães Danados* de Quentin Tarantino.

Recentemente, tem sido alvo de várias homenagens, um reconhecimento tardio que combina com a atitude beligerante e solitária dos seus filmes.

"Monte Hellman é um grande artista de cinema e um poeta minimalista. É uma honra para nós honrá-lo", escreveu o júri do Festival de Cinema de Veneza.

Cockfighter, *Iguana*, e *Road to Nowhere - Sem Destino* assim como os quatro filmes que fez com Nicholson – *Back Door to Hell*, *Flight to Fury*, *The Shooting- Duelo no Deserto* e *Ride in the Whirlwind - O furacão*, compõem a filmografia essencial do realizador.

O Leffest homenageia Monte Hellman, que estará presente no festival, exibindo a totalidade dos seus filmes.



Com a presença de MONTE HELLMAN

Lucrecia Martel

Diz que foi por acaso que foi parar ao cinema, depois de várias experiências no vídeo e na animação. Renegou desde logo o neo-realismo das produções latino-americanas – tão marcado na literatura e nas artes plásticas. O universo de Martel é outro: uma observação cínica da família, religião, sexualidade e de algo que lhe diz particularmente respeito – a burguesia abastada, sem valores, subversiva e selvagem.

Cresceu em Salta entre sete irmãos e irmãs numa realidade profundamente conservadora com a qual se confrontou desde cedo. A sua produtora revela que o facto de Martel ter filmado três dos seus filmes na sua cidade natal não se trata de uma homenagem mas sim de uma espécie de vingança. "Ela detesta a classe média que a rodeou na adolescência.", diz Lita Stantic.

Dirigiu dois documentários para televisão e deu finalmente o salto com *La ciènega*, filme com o qual viria a ganhar o prémio NHK de Realização no Festival de Sundance. Com *La Niña Santa*, chegou pela primeira vez a Cannes, em 2004, com a história de Amália, uma jovem de dezasseis anos, dividida entre a educação católica e a descoberta da sexualidade.

Já em *La mujer sin cabeza* revelou-se mais politizada com o desaparecimento de um rapaz índio a remeter para os episódios macabros da ditadura. Martel conseguiu, com este filme, ser nomeada para a Palma de Ouro em Cannes mas, desta uma vez, não só voltou a não ganhar o prémio como recebeu um enorme buuu do festival. "Acho que é bom, porque é uma espécie de tradição de Cannes, vaiar um filme. Agora faço parte do clube", disse numa entrevista.

Quer sejam a transposição de um sonho ou de um pesadelo, os filmes de Lucrecia Martel são visões de uma realidade impossível de alterar.

O Lisbon & Estoril Film Festival homenageia Martel com a exibição de filmes e curtas metragens da cineasta que é tida como o novo rosto do cinema argentino.



Com a presença de LUCRECIA MARTEL

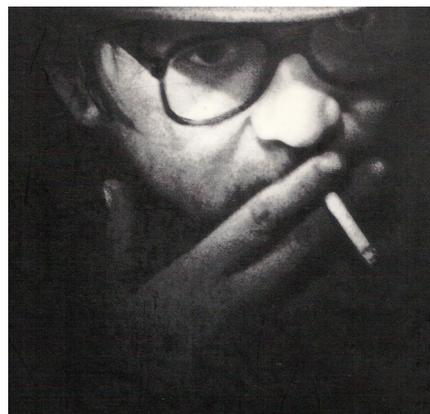
Serge Daney

Para muitos, foi o maior crítico de cinema depois de André Bazin. Nas próprias palavras, era um “passeur”, francês para barqueiro, contrabandista, traficante. Durante quase 30 anos, o francês Serge Daney (1944-92) traficou emoções, contrabandeou ideias, foi o barqueiro que proporcionou encontros entre centenas de filmes e muitos mais espectadores.

Descobridor apaixonado do cinema português, foi por causa dele que o mundo se encontrou com referências fundamentais como Manoel de Oliveira, José Álvaro Morais, João César Monteiro, Paulo Rocha, António Reis e Margarida Cordeiro. Pode parecer absurdo, mas o papel dele nessa divulgação foi tão fundamental lá fora como cá dentro.

Daney acreditava que era essencial falar de um filme depois de o ver. Como se o discurso cinematográfico só se revelasse quando traduzido por nós em palavras. Escrever era para ele como ver outra vez. E ele via mais longe do que qualquer pessoa. Quando morreu, Oliveira escreveu nos Cahiers du Cinéma que não eram apenas a cultura, a inteligência e a abertura que faziam dele um dos maiores amantes de cinema; era “o poder de invenção capaz de arrancar de um filme, e até mesmo de um único plano, o segredo mais escondido e inesperado, como se surpreendesse o cinema no interior do cinema”.

Mais do que um cinéfilo, Daney descrevia-se como um “ciné-fils”, um filho do cinema. E o cinema, além de genealogia, era para ele também geografia, uma viagem, a promessa de um dia ser cidadão do mundo. Depois de escrever nos Cahiers du Cinéma e durante quatro anos viajar pelos mundos de Hawks, Ford, Lang, Welles e Mizoguchi, em 1968 dedica-se a viajar pelo mundo real. Em 1974, o crítico regressa aos Cahiers como chefe de redacção e em 1981 segue para o jornal Libération, onde escreve também sobre televisão e sobre o seu outro amor, o ténis. Durante o torneio de Roland Garros, é sobre Bjorn Borg, o incrível sueco, que fala ao telefone todos os dias, durante horas, com a escritora Marguerite Duras.



Com a presença de
**SERGE TOUBIANA, BILL KHRON, PASCAL BONITZER,
OLIVIER ASSAYAS**